

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR
VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA D'ARTE,
SPORT, TEATRO, MUSICA,
VIDA ESTRANGEIRA.

NUM. 2



QUER DINHEIRO?

JOGUE NO
GAMA

R. AMPARO, 51—LISBOA
TELEFONE—NORTE 4020

O EXCLUSIVO DE ANUNCIOS

N'ESTA REVISTA

PERTENCE A'

AGENCIA DE PUBLICIDADE

“A LISBONENSE”

TEL. — N. 3848-3300

P. DOS RESTAURADORES, 13

SOCIEDADE CEN- TRAL DE VIVERES LTD.

ARMAZEM DE MERCEARIA

DEPOSITARIOS de todos os produtos da casa
J. C. GUERRA & IRMÃO, d'Elvas. Especiali-
dade de FRUTAS EM DOCE, AZEITONAS
VERDES e outras conservas, e dos vinhos do
Porto "FERREIRINHA". Unicos representan-
tes do licor francez "RASPAIL".

ESCRITORIO: Rua da Vitoria, 42, 2.º, Lx.
ARMAZEM: " " " " 46 e 48 e
Rua dos Correeiros, 98 a 104
TELEPHONE C. 2020
Adresse telg.º – SOVIVERES
L I S B O A

PIANOS
STEINWAY
& SONS

OS
PREFERIDOS
DOS
GRANDES
ARTISTAS

SALÃO NEVPARTH

97-RVA NOVA DO ALMADA-99

TEL. C. 3357

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE,
SPORT, TEATRO, MUSICA,
VIDA ESTRANGEIRA.

SUMARIO

DESENHO, por Bernardo Marques; VIDA SOCIAL PORTUGUESA, por Corrêa da Costa; DOS NOVOS LIVROS, por Rebello de Bettencourt; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, por José Dias Sancho; EXPOSIÇÕES DE ARTE, por Mario Domingues; AS CONFERENCIAS DA SEMANA, por Eduardo Frias; OS TEATROS, por Augusto de Esaguy; MUSICA, por Ivo Cruz; SPORTS, por Oscar da Silva e Francisco Telles

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Officinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s'loja

Sabado
17 de Março de 1923



Croquis de

Bernardo Marques

Da vida social portuguesa

Boletim Semanal

As condições da vida portuguesa contemporânea são fundamentalmente dispersivas, pela acção dissolvente do meio e pela propaganda contínua contra aquilo a que podemos chamar com lógica «a nossa atitude nacional». Não agindo por nós e sofrendo sempre o reflexo de ideias dominantes ou de factos orientadores, o meio português é um campo experimental péssimo pelas condições de adaptação e de deletéria continuidade.

Se quizermos fazer uma rápida análise aos caracteres mais definidos da nossa vida contemporânea, encontramos logo no campo social um mau sintoma, a anulação completa das *élites*. As *élites* foram sempre o espírito estratégico das sociedades perfectas, pois que elas são o mais completo e formal sentido de ordem social. Mercê de circunstancias económicas encontramos no meio português uma quasi anarquia de condições representativas, raros, rarissimos sendo aqueles que reagindo por si conseguem manter na sociedade uma independencia sufficientemente orgulhosa, onde as suas condições sociais se impõem. A baixa burguezia, o comércio, a industria, mesclados e comparticipando em negócios com a aristocracia e com o povo, amalgamaram e inutilizaram o sentido hierárquico da sociedade portuguesa. Económicamente sofremos como todos os povos europeus, uma oscillação continua nas condições de vida económica. Politicamente, a luta de pessoalismos continua a inutilizar a luta politica de ideias e programas partidários, e esse sentido da pulverização dos partidos e dos elementos de valor politico, vem deste diptico que, perante a

lógica, definiu e define de outra maneira o sentido social da politica—referimo-nos á aliança dos políticos com os argentários.

O apozguerra só agora se reflecte cabalmente nas condições da nossa vida social. Perdidos quasi todos os sintomas do nosso nacionalismo, postergados os mais altos expoentes da nossa lusitaneidade, quer no campo social quer no artistico, nós tínhamos que chegar ao átrio da mais horrivel das condições nacionais—ao desequilibrio das classes. Mais do que nunca campeia um individualismo feroz, que se sobrepõe aos grupos e aos meios sociais, e d'ahi necessariamente um desequilibrio social quasi semelhante a um aspecto oligárquico e a um aspecto ditatorial.

Auscultando, no entanto, a directriz do nosso sentido português, vemos para além do nosso erro presente uma oportunidade de redempção e salvação.

A renascença, agora meramente espirital, dá-se nas aimas e nos espiritos cultos. Como George Valois afirma no seu admirável livro *La reconstruction économique de l'Europe*, «nous ne sommes pas en décadence; nous sommes au seuil d'une renaissance».

Essa renascença tem a sua filiação sobretudo na maneira como os espiritos bem nascidos reagem contra o meio. E na verdade, focando a comédia burlesca da nossa vida contemporanea, qual não é a clara intelligencia, qual não é o alto ou o relativo orgulho mental que não reagem contra a anarquia social e a subalternidade de cultura e de gosto artistico?

A lei económica Gresham,—de que a má moeda expulsa a boa moeda, tem a sua mais completa exemplificação no nosso campo mental. As letras portuguezas, ou mais genericamente, a arte portugueza oscila entre dois pontos—uma negação de espirito creador que se revela por um culto da fórmula plástica e ritmica e decadentismos sepultados na mentira do século XIX (é interessante vêr o que a este respeito diz Leon DauDET no *Estupido século XIX*)—e um sentido de afirmação nacionalista, quer na linguagem quer nos motivos emocionais e creadores. Nos ultimos mezes, a litera-

tura portuguesa ou desce aos decadentismos mórbidos ou se exalta num alto sentido de afirmação lusitana. Entre estes dois campos há ainda margem a que uma turba-multa acéfala e subalterna, dia a dia, semana a semana, encha as montras dos livreiros com a mais completa documentação de incompetencia que é justo esperar. Femininamente a anarquia, então, toma um aspecto de pavôr e toda a neurastenizante scisma das senhoras portuguesas é hoje editada com a complacencia do bulicio do Chiado, dando ao sentido anárquico do meio artistico um aspecto mórbido e mais do que tudo patológico e inquietante.

O espirito creador, entre nós, está quási moribundo. A literatura de ideias, a literatura dignamente chamada portuguesa pelo sentido lusitano que a reveste, raramente surge. E porque succede assim?

O homem de letras, na generalidade o artista português não tem independencia mental e não possui na sociedade a categoria que as condições do seu valôr tornam superiores. D'ahi a incompreensão do meio perante o artista, e o artista vivendo ausente do próprio meio, que não o acarinha e compreende, além de lhe não facultar meios de sobrevivencia material.

Reagindo, lutando por si, nós auscultamos em Portugal, um sentido de lusitaneidade, um alto sintoma de renascença nos espiritos e nas almas. Será essa renascença uma aspiração ideal, ou tem ela razão de ser?

* * *

A maior e a mais alta das dificuldades mentais e morais consiste hoje em saber ser português, independentemente e nobremente português, perante as sugestões do meio e perante a cavalgada duende dos interesses e das vaidades mundanas que avassalaram, por completo, as condições sociais do Paiz. No entanto é justo esperar um sentido de renascença, pois nunca se desbravou tanto terreno no campo da cultura humanista, de estudo folklorico, des estudos criticos e de afirmação portuguesa. Dizer-se que Portugal está renascente é um paradoxo elegante? Pelo contrario, do

incendio faúlhante em que se desvairam as más ideias e os homens tresloucados, uma tranquillidade há de vir aos espiritos, um socêgo confortante há de nascer para os homens e para o mundo. Até que as condições de futuro se definam é justo, no entanto, reagir contra o que campeia no bullicio da nossa vida contemporanea. Reagir como? Trabalhando para um cada vez mais completo sentido de afirmação.

Isolando-se num alto desejo de afirmação toda a intelligencia frágil se fortifica e reanima, o mesmo fenómeno se dando genericamente nas sociedades doentes ou mórbidas. A vida portugueza oscila, mais além parece vacilar, reanima-se, enfim, para o nosso exemplo, atravessa um periodo de instabilidade e de infirxação. Perante um espirito frágil, a turba-multa das vaidades, dos interesses, a moral do século XX apavora e entristece a intelligencia que confia cêgamente no meio para o seu trabalho sereno. O artista, o homem superior tem sempre que lutar com o meio, sendo a luta o seu mais belo triunfo de acção e de energia individuais.

Se um sentido de anarquia social e mental se infiltrou na vida portugueza confiemos nos exemplos da História e no sentido afirmativo da nossa raça. A sociedade foi sempre produto da vontade dos homens e o ilustre professor Leon Duguit concorda neste ponto com as minhas conclusões, afirmando que «a sociedade não existe porque os homens queiram viver em comum, mas sim porque os homens viveram sempre em comum, visto não poderem viver de outro modo».

O maior cautério a aplicar ao organismo—sociedade portugueza é uma reacção cada vez maior contra a cavalgada dos vicios e contra o predominio soez dos equalitarismos egoistas; contra um individualismo que nada traduz nas condições da vida moral contemporanea. A's lutas cada vez maiores dos homens e das ideias é licito sobrepôr o interesse de salvação, por isso as conclusões que tiramos do oscilante meio português são o crédito e a certeza absoluta no renascimento espiritual e nacional das nossas condições

de vida. O tufão destruidor, o egoísmo que soezmente envaidece e perturba a humanidade, há de passar; e cada vez, cada vez mais a segurança na própria intelligencia e na própria fé serão a garantia absoluta dos destinos da grei.

Não é paradoxo, pois, afirmar que o Portugal decadente de hoje, será, em breve, o Portugal renascente, que nós já auscultamos nos espiritos bem nascidos.

Corrêa da Costa

Dos novos livros

“O Romance de Amadis”, por Affonso Lopes Vieira

Já uma vez o escrevi:—os livros de Afonso Lopes Vieira não se leem, ouvem-se. As suas palavras são vozes postas em ritmo, num ritmo prolongado e estranho que não morre, porque até as vozes mortas e distantes acordam e falam de novo na voz emocionada e quente do Poeta. Afonso Lopes Vieira ouve e entende num buzio marinho, a linguagem marulhenta e salgada do avô Oceano... Como num buzio encantado, nós ouvimos nas suas palavras ritmadas não só a voz do mar, mas também as vozes da paisagem e do povo. E o povo, a paisagem e o mar — dentro do mesmo ritmo de misterio, confundindo as suas vozes numa só voz — debruçam-se e entram nas palavras de Lopes Vieira, cantando a sua dôr e chorando o seu amor — porque nós sabemos gosar a dôr do amor e gostamos de sofrer o amor da dôr. Porque se ouve ouvindo-nos a nós proprios — é que Afonso Lopes Vieira é o nosso maior lirico, e o mais completo — porque põe também nos seus ritmos a voz do mar e da paisagem que nos ensinam a falar...

Os livros de Afonso Lopes Vieira não se leem:—
ouvem-se. As suas palavras são vozes postas em
ritmo... Dentro de uma linguagem está um povo. E eu
não sei de um povo como o nosso, que melhor esteja
dentro da lingua. E Afonso Lopes Vieira tem o sen-
tido da lingua portuguesa — a lingua maravilhosa e
heroica em que nós temos amado e sofrido, e que nos
torna imortais — porque a maior gloria não é ven-
cer uma guerra, mas sofrer e criar uma lingua.

O grande poeta português das *Ilhas de Bruma* e do
Paiz lilás, Desterro azul, acaba de interpretar o
Amadis de Gaula de Lobeira. A essa interpretação
poz-lhe o Artista o nome de *O romance de Amadis*.
Prefacia o volume, com um magnifico e erudito estu-
do, a Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vascon-
celos — de quem, uma vez, o falecido professor dou-
tor Adolfo Coelho escreveu que era a verdadeira fun-
dadora da historia scientifica da literatura portu-
guesa. Coubesse aqui neste cantinho esse admiravel
estudo e eu transcrevê-lo-ia, por completo. Na impos-
sibilidade de o fazer, limito-me apenas a louvá-lo.

O romance de Amadis — é um romance de cavala-
ria e de amor, «de amor fino e fiel, de português
amor, rendido como ele é só», no dizer de Afonso
Lopes Vieira.

Como interpretou o Poeta esse romance de amor
e de aventuras?

Indo á redacção castelhana existente, e tirando-lhe
o que era unicamente nosso.

Só Afonso Lopes Vieira podia adivinhar nas pala-
vras castelhanas as palavras portuguesas que Lo-
beira escreveu.

A sua interpretação não é mais do que uma nacio-
nalização mais completa — porque o *Amadis*, mesmo
em espanhol, «não deixou de pertencer a Portugal,
continuando a «ser português», pelo lirismo tão bem
revelado na combinação preciosa entre a alma suave
e a valentia heroica. Afonso Lopes Vieira escreveu
o *Amadis* como Lobeira o escreveu, no original per-

dido, como Lobeira o escreveria hoje, se á vida pudessem tornar.

O *Amadis* agora completamente português — pela essência e pela linguagem — ficará como o mais belo poema de amor do nosso povo. E' o amor português que enche de ternura e de heroismo as paginas frementes do *Amadis*, o nosso amor adoração que é o maior amor — porque é espirito e é carne — que confunde na mulher a alma e o corpo — como se o corpo e a alma fôsem a mesma coisa ou corpo fôsse a alma, ou a alma fôsse o corpo...

Prometi um estudo critico sobre o *Amadis* de Afonso Lopes Vieira e não o fiz. Minhas palavras pobres não souberam fixar e moldar o perfil do *Poeta* e do *romance* numa critica como a entendemos nós, os novos, que já não é a classificação fria e metódica, mas a interpretação emocional da obra e do autor. Nem eu fiz sequer o elogio do admiravel lirico que nos restituiu mais uma formosa pagina da nossa alma heroica e amorosa.

Se dos livros maus não se consegue falar rigorosamente mal, tambem dos livros belos como o *Amadis*, não se consegue nunca falar esplendidamente bem.

Rebello de Bettencourt

No proximo numero:

VIDA INTELECTUAL ESTRANGEIRA,
por José de Bragança

Artigo critico sobre a peça VIRIATO,
por Augusto de Esaguy.

A entrevista desta semana

José de Almada Negreiros fala- nos das suas ideias e das suas intenções

Quando estendi a mão ao José de Almada Negreiros, uma noite destas, no *Tavares*, levava já na boca, precipitadamente, o pedido de uma entrevista.

Vieram os cafés do estilo. Preparámos o nosso plano, e ficámos face a face com um dos mais fulgurantes espíritos da Geração Moça, em quem o público se habituou a ver apenas o *blagueur*, cego para a sua profunda intuição do Universo, desconhecendo por completo a riqueza abundante da sua Arte.

Ficámos nós, então, frente a frente, em silencio, — um a procurar inquirir, outro a procurar responder...

Os seus olhos rasgados e longos embebiavam-me de expectativa.

E a entrevista nasceu...

—Sei que V., Almada, é um homem sempre cheio de projectos... Deve tê-los neste momento, e fartos, hein?!

A pergunta saiu banal, como se estivessemos em presença dum académico.

Esperámos uma *boutade*... Mas não! Almada Negreiros respondia serenamente:

—Não tenho projectos nem programas de nenhuma especie. Apenas estou recordando o que já aconteceu na minha vida até hoje e encontrei-lhe uma direcção que vou recapitular talvez em conferencias com o titulo de *A Revolução Individual*. Uma destas confe-

rencias, aliás, já foi lida publicamente. Lembra-se?
A Invenção do Dia Claro.

—Mas afinal que pretende V. com essa série de conferencias?

Nitidamente, o Artista expoz-me o seu pensamento:

—Explicar o sentido essencial da evolução da humanidade. Numa palavra: mostrar que a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e que o Homem e só ele, em sociedade ou individualmente, é fim.

A orquestra tocava um *foxtrot* ruidoso. Para além do biombo, era toda uma sinfonia de restaurante, —copos que tiniam, gargalhadas irreverentes, um sussurro de vozes que se comunicam baixo...

Tornei a alinhar, intimamente, as minhas ideias, enquanto sorvia um golo de café.

De chofre, perguntei:

—Qual é a sua situação actual dentro do mundo?

Diante desta interrogação capciosa, o seu fino espirito esgrimiu dextramente:

—Quero pertencer ao proprio mundo, ir alistar-me nas fileiras da humanidade *voluntariamente*, com o meu proprio corpo...

—Crê V. então na alma?...

—Creio tanto na alma como creio no corpo!

Sorri por distinguir claramente o perigoso campo de transcendencias que tinhamos alcançado.

—E na imortalidade da alma?

—Sim. Mas é necessario saber que a alma não pode nascer senão dentro de um corpo humano. Isto é, a imortalidade da alma depende directa e unicamente da materialidade do corpo.

«A alma não morre nunca, mas para ser imortal tem de ter nascido uma vez. Sabe? O corpo não pode viver sem alma, mas ha corpos aonde a alma parece morta; e vai ao depois esses corpos existem com a alma morta. Coitados! e sem saberem a maior parte das vezes que o Deus invizivel, o Deus de todos Nós, é o Unico que tem o segredo para ressuscitar almas!

Retrocedemos.

—Meu caro Almada: uma outra pergunta me interessa. Qual é a sua posição perante o Passado?

—O Passado não é senão o próprio exemplo do esforço individual. O Passado não tem outra pretensão a não ser a de trazer a iniciativa de emancipação às mãos do próprio que a deseja.

Só emancipando-se o individuo poderá atender-se á humanidade, conjunto de individuos. Ora aqui está a intenção de *A Revolução Individual*.

Almada Negreiros exprime-se sobriamente, com segurança. A sua intelligencia lucida segue pelos meandros complicados das suas deducções, a pretender illuminá-las de simplicidade e de logica.

Então, como complemento, como exemplificação de tudo o que vinha de ouvir, escutei uma anedota:

—Um santo, ao morrer, apresentou-se immediatamente ás portas do céu, pedindo entrada a S. Pedro...

«S. Pedro negou-lha. E o santo, apontando para a terra, pediu-lhe que visse como ele tinha sido bom no mundo, — diante do seu cadaver desenrolava-se toda uma piedosa romaria em que o mundo inteiro mostrava venerar as suas virtudes.

S. Pedro respondeu:

—Não! As portas do Céu não se abrem a individuos, a isolados, ainda que sejam santos. As portas do Céu abrir-se-hão um dia de par-em-par mas para todos... quando a humanidade inteira, com todas as suas religiões, vier ombro a ombro até aqui e sem que tenha deixado nem um só esquecido e desprezado, lá em baixo, na terra!...

Passavam dois ingleses de face glaba, vermelhos, amplos, charutos na boca, como fachos...

Uma silhueta feminina... Um *groom* que atravessa a sala... E outra vez a entrevista se reanimou:

—Sabida a sua posição perante o Passado, não é menos interessante desenhá-la perante o Futuro...

—Meu amigo! O Passado está patologicamente realizado no nosso sangue actual.

«Os homens de amanhã estarão colocados, logica e fatalmente, perante a humanidade, exactamente

como Nos, neste momento. Não é necessário folhear o Passado. Ele está voluntariamente em nós. A situação do Homem perante a Humanidade, será sempre o Passado quem a dirigirá—o Passado que é a determinante do Futuro.

Acendi um cigarro. Almada Negreiros continuava a expôr. A minha interrupção foi brusca:

—Afinal qual é o *seu* fim?

—Oíça! Na minha ante-emancipação, a maior, a unica grande falta que eu tenho sentido, sabe qual é? E' a falta de outros, de outros iguais a mim, de outros que venham comigo ou eu com eles... Compreende? Estou farto de semelhantes!

«E o caminho, entretanto, é unico para todos:

«A consciencia não é senão a atenção posta contemplativamente diante da inconsciencia...

«Tantas expressões, tantos realismos, tantas elevações, —Religião, Moral, Sciencia, Arte; porque não servir-se rapidamente de cada um destes processos de atenção para libertar o individuo?! E para que pretender libertar essas abstracções ilibertaveis, a Religião, a Moral, a Arte, a Sciencia?! Repito: a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e só o Homem é fim!

—Seria curiso saber-se como V. aplica a sua teoria ao nosso problema nacional...

—Defendendo a criação da linguagem que traduza para português legitimo todas as expressões universais...

A orquestra, que se calára por instantes, recommençou o ruído.

Debandava gente com ares de fartura e riqueza.

As nossas chavenas estavam vazias.

Não pude calar um comentario;

—V. agora está mais filósofo do que Artista, meu caro Almada...

—Não! Continuo a ser o mesmo, desde que nasci. Vou talvez, simplesmente, a dobrar a esquina da Filosofia...

«E só peço a Deus que me deixe viver tão arden-

temente todas as minhas idades como aquelas que eu já vivi até hoje!

E' assim que pensa José de Almada-Negreiros neste ano da Graça de 1923.

José Dias-Sancho

Exposições de Arte

A exposição de pintura Eduardo Vianna

As paredes soturnas do palácio das Belas Artes estão em festa. Delas pendem presentemente os quadros de Eduardo Viana, o melhor colorista português. Como devem sentir-se felizes essas paredes tristes que tanto crime têm consentido! Costume é dizer-se que o papel tudo consente, coitado. Mas aquelas paredes, mudas e resignadas, tocaram já o sublime da condescendencia. Com que infinita paciencia elas têm ostentado em seu seio acolhedor todas as joias falsas duma arte decadente!

Um dia, viram primeiro com espanto, depois com entusiasmo, que as ornamentavam com arte verdadeira, pura e sentida. Se pudessem falar, essas paredes silentes, dirião, como nós, de seu contentamento.

Agora podem os estetas, os que amam as fórmulas sempre mais puras duma arte moderna, ir afoitamente á rua Barata Salgueiro. Expõe lá Eduardo Viana, expõe agora um artista. Parece impossivel que numa casa feita para guardar preciosamente coisas de arte, só de longe em longe, por lá apareça um artista verdadeiro.

Eduardo Viana é um artista—na nossa humilde opinião e na opinião abalisadissima do sr. Matos Se-

queira... Ora, quando pessoas como o sr. Sequeira afirmam encontrar em alguém temperamento de artista—quem poderá opôr a um crítico tam respeitavel a sombra dum desmentido?

Se quizermos avaliar das qualidades dum artista, escutemos a opinião do vulgo. Se este quedar extasiado ante uma obra—ou ela é muito boa, quasi divina ou é absolutamente nula. O vulgo poucas vezes comprehende os talentos, mas quasi sempre se deixa arrebatado pelos génios—ou pelos charlatães. O vulgo não tem a noção do equilibrio.

Voz, pincel ou pena que consegue enternecer o coração dum ignorante ou são sublimes ou falsos.

Há muito que havíamos descoberto em Eduardo Viana qualidades admiraveis de realização. Nesse tempo odiava-se o pintor. De ignorante a doido não existe uma unica nota de discordancia que não fosse tocada pelos dedos maliciosos da critica. E nós, solidários com o doido! E nós, elogiando o ignorante!

Viana pouca importancia deu ás bocas do mundo... Trabalhador, persistente, caminhou sempre nesse caminho de luz que ele não tem palavras para explicar, mas que seu pincel sabia de côr. Caminhou, progrediu, realizou.

Hoje há já quem fique maravilhado ante as obras do *doido*. Que condão terão essas obras para assim *épater* os ignorantes? Têm talento—mas muito talento. Possuem o resultado admiravel dum trabalho paciente. Sim, porque Eduardo Viana é um torturado. Os seus quadros não são, como muita gente imagina, executados dum jacto, numa alucinação. Ele tem a preocupação da pureza da côr. Há nos seus quadros colorido tam intenso, tal alto, que chegamos a temer que as côres estalem. Pois essa intensidade é fruto duma tecnica inteligente, procurada numa ansia febril de perfeição.

Não fosse a sua tecnica poderosa e maleavel, seus recursos de desenho prodigiosos e toda aquella gradação alta de colorido se baralharia numa confusão horrivel como um corpo sem vida, sem esqueleto.

Porém, Eduardo Viana, dominando a técnica, domina o assunto. Domina-o tam intensamente que chega quasi a pintar a alma das coisas, o impalpável, o imperceptível. E' por isso que naquele quadro—*a pouxada dos ciganos*—tanto vive o assunto pela certeza da côr, justeza de planos e precisão de luz, como pela vida interior, sujectiva, do assunto.

Esse quadro é—sem contestação—a obra mais perfeita que nestes ultimos anos mãos portuguesas têm produzido. Possui tudo: originalidade de visão, pureza de côr, descritivo equilibrado, sentimento regional.

Não admira, portanto, que um trabalho que reuna todas as qualidades essenciaes de vida e estética tanto maravilhe o entendedor como o ignorante. Essa obra possui o fluido das obras geniais que a todos cativa. E se todos se quedam extasiados perante essa maravilha, porque motivo não hão de tambem as paredes, as soffredoras paredes do salão da Sociedade, sentir-se contentes e orgulhosas de senti-la palpitar e viver no seu seio?

Mario Domingues

CONTEM PORANEA

grande
revista
mensal

As conferencias da semana

Comentario do que se disse sobre “Educação” na Escola Adolfo Coelho

Na Escola Primaria Superior Adolfo Coelho, tem-se efectuado umas conferencias sobre educação e ensino, destinadas, ao que nos diz o seu programa, a divulgar conhecimentos gerais de pedagogia entre os alunos e suas familias.

Um das conferencias a que assistimos, foi a exposição dum trabalho do professor Anibal Passos, que levantou diante da nossa curiosidade, um verdadeiro mundo de oportunas, considerações.

O sr. Anibal Passos, falou pela boca dos nossos mais ferrenhos pedagogos, e este facto torna a sua conferencia singularmente curiosa, pela revelação do criterio de orientação pedagogica que determina a educação da actual geração.

Na sua conferencia, o sr. Anibal Passos, depois de um cerrado e justo ataque á organização e estado do ensino entre nós, faz intervir uma série de raciocínios, girando todos em torno deste fundamental problema pedagogico: A repreensibilidade dos actos das crianças, e as sanções necessarias para os reprimir.

Este ponto, centro de toda a filosofia da educação, é um ponto culminante, assente sobre uma montanha de velhos erros que a pedagogia moderna se esforça por desbastar.

A sanção para os actos das crianças, admitindo a existencia de actos repreensiveis na multidão infantil, é a rigorosa demonstração da preexistencia dos

antigos defeitos das velhas escolas pedagogicas que consideravam a criança como um adulto, agindo com personalidade formada, e sobrecarregada com o dever da responsabilidade, sem inquirir do seu estado fisiologico e psicologico.

Partir da ideia de que seres ainda em formação, seres cuja personalidade ainda indefinida e confiados a vigilancia dum educador, estão aptos a assumir a responsabilidade dos seus actos, é regar a propria acção do educador, considerando-o, *ipso facto*, inutil.

O sr. Anibal Passos, sem o saber, enfermou dos mesmos vicios intellectuais de todos os pedagogos, imbuidos das teorias do Estado sobre educação. A personalidade humana da criança, e seu natural desenvolvimento, passa-lhe despercebido, na preocupação de dar á criança uma educação que se parece muito com a defeituosa educação congreganista, que apenas criava uma massa de seres obedientes, todos eles adaptados a um tipo uniforme de etiqueta humana, sobreposta sobre uma colectiva sobresviviencia ás leis defensivas dos interesses do Estado. E' este defeito, uma das maiores características da educação jesuítica que tanto tem viciado os nossos costumes, amoldando os cerebros á cobardia de se adaptarem a um amontoado de preconceitos com o rotulo de nacionalismo. E' por assim dizer, a educação classica, avançando com todos os seus erros, sobre todas as conquistas da pedagogia moderna. A educação classica, verbal, estiolando a intelligencia numa enumeração de principios sem demonstração, expondo abstracções que partiam e finalisavam na teoria, encontra nos nossos pedagogos, a sua mais ostensiva expressão.

O despertar da ideia morta dos actos repreensivos da criança, é um bisantinismo da doutrinação absurda, em que a moral se rege por principios tortos, que anulam a personalidade e a intelligencia, e desenvolvem o medo ante o espectro dum autoritarismo metafisico e grotesco. Assim se formou a nossa geração que tanto se reflete nos nossos habitos.

Admitir a existencia de actos repreensivos na criança, é levá-la á convicção de que ella é estruturalmente má, induzindo-a a aceitar a obediencia afron- tosa de seus mestres, como entes superiores, possuí- dos dum autoritarismo que, além de aviltante, de- senvolve a cobardia e a dissimulação.

Toda a sciencia da educação moral se resume, no poder de persuasão de que, ainda que as crianças revelem tendencias más, por efeito da educação re- cebida, ellas têm que forçosamente se transformarem, ao ponto de se sentirem humilhadas, quando deixam de ser, tal como o pedagogo as deve considerar. Pe- la educação recebida, a criança deve adquirir o con- vencimento de que é um ser capaz de sentir o bem e praticá-lo, e que, sem a sanção, lhe advirá uma na- tural repugnancia, ao praticar o mal.

Castigar uma criança, é negar-lhe a capacidade de sentir ou compreender o bem, e aceitar-lhe os seus impulsos malevolos, como naturais, o que é um erro. O educador não deve crer na maldade da criança, sob perigo de se tornar um inconsciente e perigoso agente de sugestão.

A criança, pela sua quasi inconsciencia, não tem ainda desenvolvido o sentimento da deliberação do mal. Todos os seus actos são reflexo de impulsos, e quando estes não são acionados pelo bem, não deve o educador presepôr o mal, como o seu mobil, por- que é aceitá-lo. O papel do educador, é, neste caso, fazer sentir á criança que ella cometeu um acto fóra das suas verdadeiras e naturais tendencias, que ain- da se encontram por disciplinar. Diante da criança deve collocarse, não a natureza do delicto cometido, mas um tipo ideal de perfeição, que faz parte da natureza íntima da criança, que ella desrespeitou.

Lisongeando-lhe as suas virtudes e collocando-a de- pois diante do seu delicto, a criança impressiona-se, e adquire assim a noção do bem e do mal, sem a san- ção que é um absurdo que só pedagogos antiquados podem pretender ressuscitar.

Os Teatros

O que será a critica da “Revista Portuguesa”

Porque não existe critica de teatro entre nós, porque os jornais se vendem a troco de anuncios e os criticos têm sempre uma peça a representar nesta ou naquela companhia, tem sido impossivel realizar em Portugal e sobretudo em Lisboa, uma escola de critica que se não venda, um nucleo de espiritos independentes com força sufficiente para mostrar aos srs. empresarios, caixeiros viajantes da arte, aos artistas e aos autores, que nem todos em Portugal são cegos e que o *Diario de Noticias* não póde continuar a dizer escandalosamente bem deles.

O nivel mental português não pode continuar entregue aos srs. dos jornais, aos seus caprichos e ás suas vaidades tolas. Não há em Portugal um ideal estetico, há um regime de protecção politica, de favoritismo, de emprestimo que infelizmente se estendeu já e medrou entre os artistas. No teatro essa protecção tem sido escandalosa. Quando alguem se atreve a dizer mal desta ou daquela artista, os empresarios pagam, a tanto a linha, o desmentido dessas noticias. As amantes dos politicos são imediatamente feitas societárias do Teatro Nacional. Porquê? Porque no teatro não existe uma disciplina, porque no teatro anda tudo em desordem, anda tudo num caos.

Nós que conhecemos bem como se fazem reputações e como se vendem criticos a troco de sorrisos de actrizes gongozas, podemos escrever com ampla liberdade de acção, porque nunca nos vendemos, porque sabemos que para lá de todos os scenarios, tudo é igual e tudo se agita da mesma maneira, vida e lódo, lódo e vida!

A parte, uma ou outra tentativa de teatro moderno, nós continuamos a viver distanciados de todo o teatro moderno, de toda a evolução da arte scenica, perfeitamente entregues a conceitos gastos, á força de serem usados todos os dias.

O nosso teatro é ainda um teatro de alcapão, de surpresas, de vaidades escondidas, de odios, de ciumes. É um teatro de ruinas, de estilhaços, de glórias passadas, de idolos de barro, de protegidos. A maior parte dos actores não admitem uma censura, julgam-se génios, quando não ultrapassam comicos de feira!

Cada actor impõe uma actriz e exige nos cartazes o seu nome em letras grandes. Chegámos a este maximo de falta de vergonha no teatro portuguez!

O nosso teatro, é um teatro de cabotinos reles, não os apontaremos no decorrer dos nossos artigos. Nós criaremos aqui, nas folhas desta revista, uma critica honesta e sadia. Diremos as razões, quando apontarmos o mal; diremos as razões quando dissermos bem. Não nos importa que existam protegidos ou não. Não nos importa que este ou aquele actor nos deixe de estender a mão. É-nos absolutamente indiferente. Os que me conhecem sabem muito bem as razões porque escrevo e a razão do que escrevo.

Incapaz de me vender, tambem não sei comprar ninguém e porque não tenho nenhuma peça entregue a qualquer companhia, melhor ainda, os meus braços estão livres.

As nossas criticas não obedecem a um proposito de destruição. Tentar destruir o que está destruido, é uma tolice. Nós pretendemos construir, para construir é preciso que o mau esteja do lado do mau e o bom do lado do bom. É o que nós vamos realizar, é o que nós temos a certeza que havemos de conseguir.

Quem fizer boa arte, bom teatro, quem manifestar desejo de ser de hoje, tem-nos do seu lado, prontos para tudo. Quem pretender o contrario só pode esperar de nós, a nossa inteira censura, o nosso tacão.

Vamos ter a coragem de ser justos, abrindo áqueles que têm medo, um caminho a seguir.

Falaremos de todos e dos traductores também, essa variedade de negociantes, que não sabendo escrever a nossa lingua e traduzir a dos outros, saltou sobre o nosso teatro, como um bando de corvos negros!

Até ao proximo numero.

Augusto d'Esaguy

Musica

Acerca de S. Carlos e da reforma a fazer

I

A epoca da opera acabou na semana passada com a *Serrana* de Alfredo Keil, compositor português do seculo XIX.

S. Carlos é um teatro do Estado encontrando-se actualmente cedido a uma sociedade que o explora há quatro anos com pouco ou nenhum successo financeiro.

A epoca que atravessamos acarreta naturalmente encargos enormes a um teatro lirico como facilmente se calculará, visto os cantores, os *maestros* e as casas editoras receberem os seus honorarios em francos.

S. Carlos tem sido ruinoso para quasi todos os empresarios em epocas normais, o que aumenta o valor dos seus actuais exploradores, pessoas da maxima respeitabilidade que não têm em vista, fundamentalmente, o lucro.

E' louvavel este desinteresse em que muita gente não crê mas que eu julgo ser sincero.

A exploração de um tal teatro é arriscadissima,

ajuntando-se aos muitos perigos, o subsídio pequeno e incerto e as revoluções que se anunciam todos os dias e se realizam mensalmente.

Estes homens, que deveriam receber de todos nós o mais franco aplauso por tão arrojado cometimento, têm visto os seus esforços mal compreendidos e o que é ainda peor, as intenções boas que os animavam deturpadas, umas vezes por ignorancia, outras por maldade.

Em Portugal, não sou pessimista, ainda não se compreendeu qual seja a missão dum teatro lirico.

Os governos, principais culpados e as empresas, têm concorrido para desorientar o publico, em vez de inculcar-lhe ou talvez melhor desenvolver o sentimento de beleza que existe em todos os individuos.

Repertorios organizados e apresentados sem criterio e *meneurs* da plateia que levavam os innocentes ouvintes, acenando-lhes com a bandeira *snob* do bom tom, tornaram a chamada *platea de S. Carlos*, que poderia ser culta e honesta, inconsciente e ridicula.

Esses *meneurs*, que tinham tanto de ignorantes como de ousados, eram o pavor de muitas das cantoras que não lhes caíam no agrado e o idolo dos pobres inconscientes que os seguiam.

São ainda hoje afamadas as pateadas estrondosas em que se patenteavam fortes no tacão e fracos no entendimento.

Ousadia, ignorancia e calcanhar rijo, tais eram os requisitos do bom *meneur* da plateia de S. Carlos.

Os grupos dividiam-se nos aplausos e na pateada, acabando muitas vezes as divergencias em scenas violentas nos corredores.

Esta furia de tacão aplanouse com os anos, mas a ignorancia permaneceu.

Hoje há ainda em S. Carlos um *meneur* de via reduzida que pretende continuar as tradições.

Com a Republica o nosso teatro lirico fechou, reabrindo algumas vezes com insucesso, consequen-

cia das perseguições políticas, até que em 1918 a actual sociedade se constituiu.

Do publico bulhento e pretencioso, composto por mergados de provincia habeis em varrer feiras, passamos ao novo-rico grande apreciador do Eden, que trauteava os fados em voga.

Muitos desses bons merceeiros, que em 1914 iam ouvir os fadunchos, geralmente nas noites de sabado—os estabelecimentos fecham ao domingo—envergando o fato demingueiro e os pés ajoanetados em comodas botas de cano de elastico—são hoje em grande percentagem os frequentadores de S. Carlos.

Muitos deles, coitados, só vão lá por amor das filhas, que precisam brilhar para mais facilmente serem *passadas*.

Os preços são elevadissimos e por tal forma que a muitos amadores de musica, sinceros e cultos, succede não poderem ouvir, tanto quanto desejariam, certas obras.

O repertorio apresentado nesta temporada revela grande tendencia para modernizar-se. E na verdade é lamentavel que estejamos tão afastados das correntes modernas.

Ainda não se ouviu o *Pelleas* de Debussy, quere dizer para cá será naturalmente considerado futurismo, quando é certo que em França e em muitos outros paizes é já tido como clássico. Refiro-me apenas a esta obra para não enumerar muitas outras que se encontram nas mesmas condições.

No entanto há boa vontade da empresa e de uma parte do publico.

Nesta temporada ouvimos o *Boris Gudounof*, de Mussorgsky, e dois dramas de Wagner, *Walkyria* e *Siegfried*, por forma tal que, conquanto não nos tenha agradado, somos forçados a reconhecer a vontade de acertar.

Vê-se claramente que esta empresa sente a necessidade de reformar os velhos repertorios, em face da sensibilidade moderna e das aspirações da geração nova que se encontra instalada em pleno seculo XX

e que tem uma visão nacionalista. Saiba-se que, se uma maioria tem todas as enfermidades do espírito, no entanto há um núcleo com um poder irresistível de expansão que é modernista e nacionalista.

Esse núcleo que não tolerou a *Sonambula* após o magnífico *Boris*, é o mesmo que não pode conceber uma ópera cantada em várias línguas. S. Carlos corre o perigo de transformar-se numa Babel.

É anti-artístico e sobretudo ridículo dois personagens cantando um em russo e outro em italiano. Temos de levar em conta o desejo que os empresários tinham de fazer ouvir o *Boris* cantado por artistas russos na própria língua. O mesmo sucedeu com a *Walkyria* e o *Siegfried*.

Nestes quatro anos têm sido cantadas dezenas de óperas interpretadas umas vezes bem, outras mal.

Óperas portuguesas apenas três e poucos mais têm sido os intérpretes nossos contratados.

Não teremos compositores nem tão pouco cantores?

Ivo Cruz

Sports

Box—O momento actual na Europa

É agora o momento oportuno de examinar a situação europeia, depois das medidas tomadas pelo 5.º Congresso da International Boxing Union.

Nos *flyweight* o campeão era o grande Jimmy Wilde, o feiticeiro do país de Galles, o «boxeur» mais extraordinário que tem existido na Europa.

Neste congresso afirmou-se, bem claramente, o desejo de ver a Inglaterra aderir á I. B. U., mas como

não é com vinagre que se apanham moscas, a decisão tomada pelo Congresso, de tirar o título a Jimmy Wilde parece-me, pelo menos, impolitica. O peor é que os paizes, por assim dizer, mais importantes debaixo do ponto de vista «box»—Inglaterra e Estados Unidos—não estavam representados no Congresso e assim estas enérgicas resoluções dos congressistas podem parecer um tanto ridiculas.

Ao que parece, fica então Montreuil (campeão da Belgica, mínimos) campeão da Europa, devendo num *match* contra Frankie Gennaro (campeão da América, mínimos) disputar o título mundial. Há ainda poucos dias que Ledoux obrigou Montreuil a abandonar a «quoiqu'on en dise», não vejo que seja esta uma «performance» muito brilhante para o escolhido substituto de Jimmy Wilde.

As medidas tão energicamente tomadas pelos enviados das Federações fieis á I. B. U. parecem divertir-me a imprensa inglesa.

E o que tem mais graça é que os americanos antes querem vêr Wilde defender contra Villa ou Gennaro o título que a International lhe contesta, mas que ele ganhou, que verem Montreuil (para eles um illustre desconhecido) conquistar (?) a Gennaro um título que «malgré tout» pertence a Wilde.

Nos *bantam-weight* surge Bugler Lake que pela forma como bateu Marrison tem jus ao título de «challenger», e por certo dará muito que fazer a Ledoux (actual campeão).

Nos meio-leves o indiscutível Criquei. E' esta a categoria mais rica da Europa, pois além de Criquei, temos Danny Frush, Mascart, Billy Mathews e Joe Fox.

Nos pesos leves, Seaman Hall conserva o título. Poutet (campeão de França) não tem classe para «challenge» o campeão da Europa.

Nos «welter» Hobin, o magnifico belga, continua dono do terreno, não havendo quem o posso inquietar, a não ser «Kid» Ted Lenus, se ainda fizer o pêzo.

Nos médios, grande modificação; uma nova estrela aparece: Rolland Todd.

Que fará «Kid» Ted Lewis? Um novo combate com *Todd* parece-me difícil, pois apesar de batido aos pontos, Lewis foi decisivamente batido. Voltará para a sua verdadeira categoria de meio médio?

E' talvez o mais provável. Ted Lewis ainda deve fazer o pêzo, pois aqui há mezes, quando Mickey Wafganhou o titulo mundial a Jack Britton, Lewis apressou-se a desafiá-lo. Nesta segunda hipótese, Piet Hobin encontrará, emfim, na Europa, um adversário digno de si.

E Rolland Todd? Este certamente vai partir para o paiz dos «dollars» á procura do titulo mundial que, para a Comissão de New York, está nas mãos de Mike O'Dowd e para a I. B. U. e para muita gente boa nas de Johnny Wilson.

Existe tambem, nesta categoria, um certo Mic Mac Tigue, adversário sério para os azes «middle-weight».

Chegamos á categoria mais embrulhada: os meio pesados.

Como todos sabemos, Carpentier (Georges), o «boxeur» que mais tinta tem feito gastar aos jornalistas era ainda há bem poucos mezes detentor de 4 titulos, á saber: campeão de França dos meio-pesados, campeão da Europa dos meio-pesados, campeão da Europa dos pesados e campeão do mundo dos meio-pesados.

Uma bela tarde, Carpentier perdeu, duma só vez, com o espanto dos entendidos, os seus quatro titulos, que passaram todos para as negras mãos do senegalês Louis Falle que «boxa» sob o pseudónimo de Battling Siki.

O negro perdeu, porém, passados tempos, num combate duramente disputado contra a Federação Francesa de Bóx o direito de «boxar» por 9 mezes (estranho prazo!) e o titulo de campeão de França e via-se despojado, dias depois, dos seus outros 3 titulos pela International Boxing Union. Isto causou, como se sabe, grande barulho. Em Portugal teria havido um assalto ao Martinho. Em França, paiz singularmente mais atrazado e com tendencia marcada para a chicana, houve 4 processos muito originaes, muito *chics*,

muito parisienses; tão originaes, tão *chics*, tão parisienses, que M. Diagne (deputado senegalês, amigo de Siki, de belas côres bronzeadas), Siki e a F. F. B acabaram por desistir dos processos e Louis Falle ganhou outra vez o direito de «boxar» e os títulos de campeão europeu e mundial dos *cruiser-weight*.

Por outro lado, a Federação F. B. fez disputar em privado o título de campeão de França entre Morelle e Piochelle.

Campeão da Europa dos meio-pesados, quer dizer o melhor europeu nessa categoria; Siki é francês e portanto, apesar de preto, é considerado europeu (o que é uma vergonha para nós brancos). Como é que um francês é campeão da Europa e não é campeão de França?

Mas ainda há mais.

Siki tem um contracto para um combate contra o irlandês-americano Mic Mac Tighe, em que entrará em jogo o título mundial dos *light-heavy-weight*.

Supunhamos que Siki perde, o que não é nada extraordinário se atendermos á classe de Mac Tighe,—o título passará para as mãos dum peso médio que ainda nem sequer disputou o título do seu pêso!

Depois deste combate terá então lugar o famoso «match-return Siki-Carpentier», a favor (?) dos laboratórios scientificos de França.

Analisemos. Se Carpentier é vencido tira-se d'ahi o sentido. Carpentier deixa de existir. Caso Siki perca com Mac Tighe e com Carpentier, é preciso comparar as duas vitórias; se Carpentier ganha menos decisivamente que Tighe, terá que se afirmar em outros combates, isto é, refazer quasi a sua carreira.

Ora Carpentier nunca foi metade do que a imaginação dos jornalistas europeus quiz que ele fôsse. Será, portanto, muito difficil que, depois das derrotas esmagadoras que ele acaba de sofrer das mãos de Dempsey e Siki e quando Georges entra em manifesta decadencia, possa ainda dar as cartas, quer nos meio-pesados, quer nos pesados.

No emtanto, se ele ganha mais decisivamente que

Tigue, decerto poderá ainda disputar o título mundial.

O título de campeão da Europa, de todas as categorias, está sendo disputado numa espécie de competição entre: Marcel Nilles, campeão de França (já foi eliminado); Spalla, campeão da Itália; Van der Veer, campeão da Holanda, e Joe Beckett, campeão de Inglaterra.

Quer o futuro campeão de Europa seja Becket, Spalla ou Van der Veer, não terá nenhuma *chance* deante de Jack Dempsey, o Imperador do «Box».

Oscar da Silva .

Foot-Ball

A caça ao juiz é uma diversão frequente para os capitães dos «teams». É já raro o desafio em que eles não vão em romaria às bancadas, em busca de quem apite, melhor ou pior, o caso é que apite... e dê azo a uma reclamaçõesinha do vencido.

Não mereceria a pena, prestar a Associação de Foot-Ball a sua atenção para a falta sistemática dos juizes nomeados?

Está provado que os melhores juizes—apesar do coeficiente de parcialidade—são os proprios jogadores.

Porque não tornar obrigatoria a sua comparencia, e punir as faltas com a suspensão como jogadores?

Para os não jogadores, não seria possível prescindir dos seus serviços, manifestado o pouco interesse e a pouca competencia?

* * *

Os Belenenses, irritados com a sua pouca sorte no «match» contra o Sporting, que batendo-os trepou para o primeiro lugar, protestaram. Redigido com infelicidade esse protesto dispuzeram contra si muita gente. Podiam, porém, ter conquistado simpatias se tomam uma atitude diferente. A taça foi-se; paciencia. Saber perder é uma virtude.

A consciencia de se terem revelado superiores, devia ter-lhes incutido mais calma e inspirado gesto mais proprio.

Porque não lançaram os Belenenses um repto aos seus adversarios—taça á parte—propondo a receita para qualquer instituição de caridade?

Isso seria razoavel e simpatico.

Box

Alguem que *bebe do fino*, deunos uma noticia—que transmitimos sem compromissos de verdade indiscutível.

Basilio de Oliveira pensa em vir este ano a Portugal, e tem projectos dum particular interesse para o meio pugilista nacional.

Pelo que nos foi contado, Basilio de Oliveira tem a intenção de abandonar de vez o «ring», onde, sempre como amador, tem colhido triunfos.

Pois quer Basilio fazer os seus ultimos combates em Portugal com um objectivo sentimental que muito o honra.

Mas contra quem combaterá?

Vamos matar essa curiosidade.

Basilio propõe-se fazer 2 ou 3 combates com os nossos melhores profissionais. Pensa em confiar o seu projecto á Federação Portuguesa de Box, para quem irão as receitas dos encontros.

Os estatutos da F. P. de B. permitem, em condições excepcionais, combates entre amadores e profissionais.

Nenhuma excepção cabe melhor do que esta, nessa disposição estatutaria. Duplamente simpatico o projecto de Basilio de Oliveira.

Querendo honrar os seus compatriotas com o espectáculo dos seus ultimos combates, não esqueceu que, beneficiando os fundos da F. P. de B., contribue, poderosamente, para lhe aumentar as faculdades de propaganda.

A ideia de Basílio não tem necessidade que á sua volta se hordem elogios banais.

* * *

Anuncia-se para um dos ultimos dias do mês um espectáculo que comporta 4 combates de profissionais. Um novo titulo, o dos meios-leves, vai ser disputado. Albano de Campos e Silva Rasteiro, abandonam a vida de amadores, lançando-se no profissionalismo. A F. P. de B. parece que autorisa que combatam para o titulo. O principio é um pouco forte. Debutar no profissionalismo combatendo para um titulo, é caso que só acontece em Portugal.

Há atenuantes para desculpar a sanção da Federação, mas no entanto melhor seria demorar um pouco mais a oportunidade de fazer disputar um titulo, até agora vago. Possivelmente a entrada de Silva Rasteiro e Albano de Campos no profissionalismo arrasta mais alguns amadores. Deixá-los combater entre si um certo tempo. Experimentados então, é momento viria em que a Federação designasse os melhores. O titulo entraria em jogo.

De certo a questão da «classe» é muito relativa. Os nossos «primeiras séries», traduzidos para o francês, dão—com certa boa vontade—homens de segunda categoria e para o inglês um pouco menos.

Fiquemos na Europa!

Em todo o caso debutar... para o titulo não deixa de ser, bastamente, extravagante.

* * *

Um dos atractivos do mesmo programa, o maior atractivo, Crespo-Gaston, é outra pequena loucura.

Os nossos profissionais, os seus «managers», lutam não só com a sua fraqueza profissional, mas, ao mesmo tempo, com a falta de senso.

Que necessidade temos de fugir aos principios elementares?

O «handicap» do peso não se rompe com a boa vontade, nem com arrogancias quichotescas.

Tavares Crespo, que ainda há pouco vimos abaixo do limite dos leves, que chance tem contra um robustissimo «meio-medio», bastante mais experiente? Salvo um desmaio inesperado, uma congestão fulminante, o «boxeur» do Porto, como certo, só pode ter uma *trépa* inútil e ingloria.

* * *

Wales é um «boxeur» espanhol de certo nome, dentro e fóra da sua terra. Foi ao Porto combater Tavares Crespo, e bateu-o aos pontos.

O que foi o encontro? Dizem uns que muito bem se houve o homem do Porto, outros, que muito mal. Nunca fiando!

Fosse lá o que fosse, o que convem salientar é a lógica duvida sobre a sinceridade dos combates, negociados e organizados pelo *manager* dum dos homens.

Vai sendo tempo da F. P. de B. lançar as suas vistas para esse duplo «metier» de organisador e «manager». Bem se comprehende porque briga uma função com a outra.

Falando em Tavares Crespo, vem a proposito, lembrar aos jornais que o tratam como *campeão sem título*, que a alcunha é ridicula, e só pode acarretar más vontades ao pobre Crespo, que não contribuiu nada para as petulancias dos que o rodeiam.

Todo o «boxeur» tem necessidade de publico. Esquecem-se disso os seus amigos do Porto. Encurralam-no na terra. De vez em quando, para se darem ares, falam em terras distantes.

Tudo isso são lérias que só o prejudicam.

Crespo é modesto e nada tem de má pessoa. São os amigos que o fazem passar por pavão e mal intencionado.

Francisco Teles

AOS CAPITALISTAS

JOAQUIM RAMALHO & C.^{as},
com escriptorio de compra e
venda de propriedades na P.
de S. Paulo, 12, 1.^o, Lisboa,
tem sempre para vender pro-
priedades urbanas e rusticas
de grande rendimento e en-
carregam-se da colocação de
capitales sobre hypotecas,
com bons juros

SERIEDADE E REFERENCIAS

Loja "UTILIDADES"

180, RUA AUREA, 182

METAES DE MESA, CRIS-
TAES, CANDIEIROS PARA
ELECTRICIDADE

ABAT-JOURS E VELAS

ESCOVAS, PENTES, TE-
SOURAS, CANIVETES,
NAVALHAS DE BARBA

TALHERES DE MESA E
SOBREMESA

TEL. C. 1293

F. CORRÊA DOS SANTOS, LTD.

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS E USADAS (DE TO-
DAS AS MARCAS)

FITAS, PAPEIS QUIMICOS,
ETC.

CONCERTOS EM TODOS
OS SISTEMAS DE MAQUI-
NAS

CONTRATOS DE LIMPEZA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

R. Nova do Almada, 109, 1.º

TEL. C. 5593